

PATRIMÓNIO IMATERIAL PORTUGUÊS: NOTÍCIA DAS NR/LOT-CTPP (RECOLHAS DE LITERATURA ORAL TRADICIONAL) DE 2002 A 2007

JOÃO DAVID PINTO CORREIA

Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
Centro de Tradições Populares Portuguesas «Prof. Manuel Viegas Guerreiro»
jd.pcorreia@fl.ul.pt

Este texto não se apresenta com a configuração académica mais seguida nestas ocasiões. Constituindo resultado de uma longa pesquisa de natureza colectiva e individual e igualmente uma espécie de etapa para trabalho de futuro, é sobretudo uma «notícia» do que estamos a fazer num domínio que ganha cada vez mais justificação no conhecimento literário, etnográfico, cultural. Trata-se de dar a conhecer os primeiros resultados de um trabalho de há anos: as Novas Recolhas feitas no âmbito da colaboração do Centro de Tradições Populares Portuguesas e a Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, principalmente nas Licenciaturas, Mestrados e Doutoramentos de Literaturas Românicas; na disciplina e seminários de Literatura Oral e Tradicional, donde o acrónimo anunciado NR – CTPP/LOT/PCorreia.

Como «notícia» e tendo em conta o compreensível tempo tolerado nesta sessão, seremos muito rápidos, sintéticos e esquemáticos na apresentação de resultados de uma morosa e paciente actividade. Anunciámos que seriam tidos em linha de conta os anos de 1999 a 2006, embora as composições em arquivo datem mais concretamente de 1976/77, o que será considerado num futuro que esperamos não seja muito adiado. Mas, vamos confessá-lo, pensámos que valeria a pena apenas deambular por aquilo que foi conseguido para os anos mais próximos de 2002 a 2007. Mais adiante, salientar-se-ão as razões para esta escolha.

Ainda antes de entrar na matéria que nos moveu, queremos lembrar que tudo começou nos anos 70, logo a seguir ao 25 de Abril, em que as reformas das Faculdades de Letras tornaram possível grandes transformações nos planos de estudo das licenciaturas. Algumas das disciplinas, como que envergonhadas ao princípio, revelaram-se, depois,

muito pertinentes e úteis e interessaram docentes e discentes no alargamento de conceitos e metodologias. Neste caso, estiveram algumas, Literaturas Marginais, Literatura Popular e Tradicional e a Literatura Oral e Tradicional, para as quais se disponibilizaram alguns novos investigadores, entre os quais se conta Arnaldo Saraiva, e ainda outros, como Pere Ferré e eu próprio, seguindo-se também os mais jovens Ana Paula Guimarães, Isabel Cardigos, Thierry Santos, e ainda alguns ex-alunos de todos os docentes e investigadores indicados.

1. O Património Cultural Imaterial e a notícia desta recolha

Se, há pouco tempo, o património cultural imaterial ganhou legítima definição e reconhecimento da sua importância nas comunidades internacional e nacionais após a Convenção aprovada pela UNESCO e, agora, com a adequada legislação portuguesa, é sabido que ele já merecia da parte de autores e instâncias culturais e literárias, considerável relevância, sobretudo por estudiosos de vários ramos do conhecimento (Etnografia, Antropologia, Sociologia, Linguística, Literatura, etc.), desde há quase dois séculos.

Trabalho de campo e recolha, estudo e análise dos textos têm-se sucedido – interessando-nos no presente caso o que se fez e faz em Portugal – em várias fases e segundo metodologias diferentes, impondo-se, ao longo dos anos, como sector fundamental para o conhecimento aprofundado da tradição cultural no seu sentido lato.

A designação adoptada NR/LOT/CTPP ou NR/LOT-CTPP/PCorreia, atrás já referida, tem em linha de conta as centenas de recolhas realizadas por discentes das disciplinas dos planos de estudo seguidos durante algumas décadas na leccionação e trabalhos práticos de Literatura Oral Tradicional, nos cursos de Licenciatura, de Mestrado e de Doutoramento do elenco das disciplinas e áreas de conhecimento dos Estudos Literários e Estudos Românicos no Departamento de Literaturas Românicas, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. O acrónimo regista a orientação (com propostas para o trabalho de campo, para as respectivas tarefas de recolha propriamente dita, transcrição e arrumação com sistematização e classificação) de acordo com sugestões do orientador e docente investigador. Onde no acrónimo figurar NR, isto é, Novas Recolhas, e ainda LOT indicativo do domínio Literatura Oral Tradicional, como campo de investigação proposto pelo plano de estudos da FLUL, logo seguido da referência a CTPP (Centro de Tradições Populares Portuguesas), centro de investigação que colaborou na definição de sugestões e propostas de trabalho e também instituição em que as composições seriam guardadas e objecto de pesquisa num projecto de investigação, e ainda o nome do proponente encarregado, orientador e coordenador («Pinto Correia»). Um esclarecimento: o facto de serem consideradas «novas» explica-se por o CTPP já conter um amplo repositório de composições anterior ao das recolhas de que agora damos notícia. Daí, a perfeita separação estratégica de se considerar uma colecção de versões e composições recolhidas, e muitas delas já publicadas, que formariam as Antigas Recolhas Históricas (ARH/CTPP), isto é, as do património mais

antigo, anterior ao ano de 1976 ou, então, posteriormente feitas pelos editores – colectores que já haviam colaborado nos trabalhos anteriores.

Durante os anos de 1976, iniciam-se por prática pedagógica e trabalho no terreno as tarefas do novo período de recolhas tornadas possíveis pela aplicação de um «grupo» de docente e alunos que se entusiasmaram com a possibilidade de descobrir novos espécimes, novas versões dos géneros da LOT, nos diferentes recantos do território da tradição (de Norte a Sul, de Leste a Oeste, e Arquipélagos da Madeira e dos Açores).

A acompanhar os novos *corpora*, surpreendentes na quantidade e mesmo na qualidade, houve a possibilidade de pouco a pouco haver uma paulatina evolução no sentido de uma melhor preparação por parte dos investigadores e um maior rigor consentâneos com as práticas mais avançadas do trabalho de campo, mas também de sistematização e classificação. E não nos referimos aos meios auxiliares (gravação, digitalização, etc.), mas à própria concepção do «texto» e aos cuidados com a transcrição e edição das versões e variantes.

Daí haver uma diferença acentuada no tratamento das primeiras recolhas feitas após 1974, mas já respeitantes às novas gravações e transcrições, e as que vieram depois, sobretudo na qualidade do registo, e mormente no maior número de elementos de identificação e situação das versões e do contexto, na fidelidade à sua natureza oral e mesmo no rigor que se diria por vezes de preocupação de quase natureza filológica e ecdótica.

2. Um pouco de cronologia do projecto de recolha

Há, antes de mais, que esclarecer que, no âmbito da leccionação da Literatura Oral Tradicional, disciplina de Licenciatura e, depois, de Mestrado e Doutoramento, sempre se completou a componente mais teórica com a prática, através do incentivo ao trabalho de campo, principalmente nas regiões, cidades, vilas, aldeias, de que os alunos eram originários, ou também em regiões que conhecessem em momentos da sua vida (férias, contactos familiares, etc.) e mesmo, em última instância, em espaços que pudessem apresentar condições para a recolha da voz de possíveis informantes (por exemplo, escolas, lares de terceira idade ou instituições que recebessem pessoas idosas, sabido que elas são muito frequentemente as mais completas depositárias deste património).

2.1. Cronologicamente, podemos considerar como âmbito mais alargado os anos lectivos que vão de 1976/77 a 2006/2007, no qual distinguimos:

– 1.º Período – 1976/77 a 1997/1998.

Para este primeiro período, as composições ainda não se encontram devidamente exploradas, e, por isso, exigirão uma aplicação mais rigorosa dos investigadores, porquanto foram anos de pouca experiência tanto para o docente e orientador, como para os alunos/colectores: neste período, houve uma interrupção dos trabalhos entre 1993 e 1997 por ausência do docente/coordenador em missão de direcção noutra universidade portuguesa.

– 2.º Período – 1998/1999 a 2000/2001.

Para este segundo período, já houve mais cuidados na recolha e na transcrição e mesmo no que toca à sistematização e classificação do *corpus*; no entanto, para a exploração dos resultados, foi seguida uma metodologia que, depois, foi considerada morosa e complexa no que respeita à avaliação das recolhas, o que levou à sua alteração profunda para o período seguinte.

– 3.º Período – 2001/2002 a 2006/2007.

Para este período, uma nova metodologia foi, pois, aplicada à verificação e à apreciação dos resultados; além disso, a classificação das versões em composições e em géneros e também a sua sistematização já se adequaram aos objectivos científicos perseguidos. Portanto, as composições com as suas versões encontram-se praticamente prontas para uma última revisão, a que se seguirá a digitalização e informatização ou/e sua publicação.

É a este 3.º período que nos vamos referir mais particularmente. Embora haja dados respeitantes aos anos 2007 a 2009, ainda não podemos utilizá-los, muito menos apreciá-los.

2.2. Para uma *visão global dos resultados* no que respeita a este último período, podemos neste momento apresentar os seguintes números:

Números globais de versões e recolhas para os concelhos de todo o País

– Número global de versões de composições – 15 381

– Número de recolhas – 168

– Recolhas individuais – 101

– Recolhas colectivas – 67

– Concelhos – 162 (em 278, contando só com o Continente de Portugal)

– Isto tem muito a ver com a naturalidade dos colectores ou dos seus familiares; que provinham na sua maioria de zonas mais próximas de Lisboa ou, menos frequentemente, de concelhos mais afastados.

– Predominaram os colectores que se deslocaram a regiões mais próximas de Lisboa; donde, um número mais reduzido para a região Norte;

– De qualquer forma, houve uma boa correcção para o Norte, com a contribuição dos Mestrados da UTAD nos seminários orientados pelo docente em dois anos lectivos seguidos (15 recolhas).

– Distritos – Os concelhos referidos respeitavam a 17 distritos do Continente e 1 da Região Autónoma (Madeira).

Números globais de versões para os concelhos do Norte

– Os concelhos do Norte em que foram feitas recolhas durante os anos do 3.º Período foram 19, correspondentes aos distritos do Norte de Viana do Castelo, Braga, Porto, Vila Real, Bragança; esperamos aumentar este número com as recolhas dos períodos anteriores.

– Foram feitas 31 recolhas nesses concelhos, apontando para os concelhos acima do Douro: destas trinta e uma recolhas, 17 foram realizadas por mestrandos da UTAD, de Vila Real, para os seminários que orientámos durante dois anos, e 1, por uma mestranda da FLUL (Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa); as outras foram feitas pelos alunos de Licenciatura de LOT, da FLUL.

– O número de versões das composições desses concelhos do Norte foi de 3.103:

- lembramos que esse número deve ser comparado com o global para todos os concelhos do País: 15.381. Portanto, 3.103 em 15.381;
- apesar de a percentagem se revelar não muito grande em relação ao universo total do País, podemos adiantar que essas versões dizem respeito a composições bem significativas do ponto de vista da tradição, e deverão ser corrigidas com as já encontradas anteriormente nos períodos anteriores.

Observação – Para uma mais profunda explicação e mais pertinente esclarecimento dos resultados relativos às recolhas nos Concelhos do Norte do País, será necessário que se estude com atenção o Quadro das Recolhas (Apêndice A) que se encontra anexo a este texto.

2.3. Acerca da arrumação das versões recolhidas, tivemos presente uma classificação que foi proposta por nós – Pcorreia/CTPP 1993 (ver Apêndice B) – e que foi aceite pelo Centro de Tradições, a qual registou poucas correcções, aditamentos, afinamentos, alterações essas a que abaixo faremos menção, e que evidentemente se encontra aberta a ainda mais pertinentes ajustamentos.

a) Na recolha, na transcrição, na classificação e sistematização, interessaram-nos as versões de composições de todos os modos e géneros apontados em Pcorreia/CTPP 1993.

b) Portanto, estas recolhas *não são orientadas para a recolha das ocorrências de um único modo ou género*, com a procura de um só género: por exemplo, apenas «rimas infantis» ou só «romanceiro»); foi/é, portanto, uma *recolha aberta* a todos os géneros, embora possa haver do colector um interesse ou preferência em procurar mais pormenores um determinado modo ou género mais específico.

c) No que toca aos colectores, eles actuaram com total liberdade no trabalho de campo, de acordo com as duas possibilidades:

- *recolha individual* (assinalada nas cotas das recolhas como Ri)
- *recolha colectiva* (assinalada nas cotas das recolhas como Rc)

d) O colector ou grupo de colectores escolhia o local de recolha (de acordo com as suas motivações de ligação a uma aldeia, a uma região, ou mesmo a uma instituição, como, por exemplo, um lar de 3.^a idade ou mesmo uma escola básica, etc.)

e) Na actividade global de recolha, distinguimos as fases que se consideraram indispensáveis num trabalho desta natureza científica:

- *Preparação prévia do trabalho de campo*, com consulta de bibliografia adequada e sessões de aprendizagem em sessões de trabalho prático ou em aulas de natureza informativa;
- *Trabalho de campo* mais esclarecido com previsão do que fosse mais útil e operacional para a ida para o «terreno» (meios auxiliares, metodologia, cuidados com a variação do enunciado – possíveis variantes – e com a enunciação, isto é, comentários, esclarecimentos e mesmo gestos do informante);
- *Recolha adequada* à comunidade de trabalho, com a curiosidade da exploração da região, do meio, na situação real do contacto com os informantes, além da utilização de todos os meios adequados na própria actividade; e concretização do registo por meios apropriados a ambientes propícios, mas naturais para as situações que deverão ser as mais serenas e propensas a um contacto e a uma interacção com os representantes da comunidade;
- *Transcrição*, com o tratamento por escrito, de gravação ou, à falta desta, «registo escrito directo» e «transcrição» definitiva, o mais fiel à oralidade; prévia seriedade no registo rigoroso e exacto do que foi dito ou cantado;
- *Exploração de primeiro grau*: aqui, a preocupação fundamental é a organização e a sistematização de acordo com a classificação adoptada;
- *Explorações de segundo grau*: não interessam senão excepcionalmente nesta etapa a que estamos a referir-nos: só posteriormente, as versões e as composições serão objecto de análises, interpretações, estudos de natureza muito diversificada e aprofundada.

f) Entre o «trabalho de campo» e a «mediação» (o registo no suporte) do «que foi ouvido» e do «que foi transcrito», importante será a elaboração da identificação e contexto, mediante a aplicação da Ficha de Identificação e Contexto da Recolha (FICR), isto é, registo de nome ou nomes de informantes, habilitações, local e data (o mais pormenorizados possível, com, por exemplo, indicação da parte do dia ou da noite e mesmo a hora), idade, naturalidade e ainda habilitações literárias do informante, notícia de transmissão da composição ao informante (familiar que ensinou a composição), e nome do colector.

A FICR deverá acompanhar toda e qualquer versão recolhida da composição na transcrição qualquer que seja o suporte: cada versão por mais pequena que seja ocupará uma ficha; quando uma versão for grande, será registada em sucessivas fichas numeradas e agrupadas para essa mesma versão.

g) A *Exposição/Transcrição* teve/terá de ser fiel em relação ao que foi dito ou cantado, com a adopção de possíveis critérios, como, por exemplo:

- na transcrição escrita, assinalar em itálico os considerados regionalismos, arcaísmos, barbarismos, calão;
- adopção das normas de transcrição de cada género e da sinalização por números de unidades (como versos curtos ou longos, estrofes, por exemplo);

- e ainda comentários complementares para melhor integração e esclarecimento de partes do enunciado, com pormenores da performance; quando se recorrer à transcrição em papel, a ficha de transcrição escrita foi/é/deverá ser normalizada (A5) e só escrita no anverso.

Importante: a digitalização colocará problemas técnicos diferentes, de que não nos vamos ocupar neste momento.

h) A *Exploração de primeiro grau*: organização do conjunto de composições por recolha, com a sua sistematização e classificação nos respectivos modos, géneros e subgéneros; configurações possíveis para o arquivo ou a edição.

i) No caso das «recolhas» agora tratadas, cada uma dela deverá ser acompanhada de um RR (relatório de recolha), em que o recolector apresentará

- *Título* (recolha X, na localidade Y, realizada em Z, na data dd/mm/aa);
- *Descrição*, com duas partes:
 - pequena monografia geográfica, histórica, cultural da região/aldeia/local;
 - pequeno relato da recolha (contactos preparatórios, contactos com os informantes, dificuldades, meios e auxiliares utilizados, ambiente da recolha);
- *Demonstração*, isto é, esquema objectivo dos elementos obtidos, em que serão discriminados número total de versões de composições, número de versões para cada género, identificação do colector ou colectores, lista de informantes, com os dados mais importantes de identificação já acima referidos, etc. Importante para esta parte do Relatório será apresentar um quadro com os indicadores principais de identificação de todos os elementos respeitantes aos informantes, não esquecendo o número de versões para cada um deles.
- *Conclusão* (opinião pessoal: interesse, representatividade e originalidade da recolha).
- *Anexos*: monografias da localidade, fotografias ou vídeos da recolha, e naturalmente enumeração dos suportes cassetes, disquetes, CD, DVD (que acompanham as recolhas), etc.

j) Cada recolha, já no trabalho de recepção por parte dos responsáveis sob a orientação do coordenador ou coordenadores e dos revisores da recolha, receberá uma só *cota* (a apresentar em todas as fichas, relatórios e anexos) para garantir um arquivo rigoroso, sobretudo para quando as recolhas (*Ri* e *Rc*) forem desmembradas, a fim de serem incluídas em sistematizações maiores e gerais (possibilitando índices por géneros, por localidades, por colectores, por anos, etc.). Assim, *Ri 13 (2004)* indicará que se trata da Recolha Individual (realizada por um só colector) e que, no conjunto do arquivo, fica com o número 13 e diz respeito ao ano 2004, ou seja 2003-2004, como ano lectivo.

l) A *Exploração de segundo grau*, como acima dissemos, não interessará nesta fase do trabalho, visto que diz respeito ao trabalho de exploração de análise e interpretação, o que, naturalmente, será executado posteriormente por estudiosos de acordo com as suas especializações.

2.4. Uma das mais importantes tarefas diz respeito à *classificação* das versões nas composições e géneros em que se integram. Uma vez realizada a recolha e a transcrição, há que executar a operação de arrumar os espécimes encontrados, de acordo com uma grelha classificatória.

Para tal, os colectores/transcritores procuram auxílio nas classificações já seguidas por estudiosos ou editores das versões dos diferentes modos e géneros. No caso presente, propôs-se a nossa classificação (PCorreia/CTPP 1993) que tem como base o nosso artigo *Os Géneros da Literatura Oral Tradicional: Contributo para a sua Classificação*, «RILP – Revista Internacional da Língua Portuguesa», n.º 9, Julho de 1993, pp. 63-69, classificação que apresentamos esquematizada em Apêndice (Apêndice A). No entanto, o seu estado actual corresponde ao resultado de sucessivas alterações, principalmente aditamentos, que se têm imposto pelas recolhas/trabalho de campo da disciplina LOT da Faculdade de Letras, e pela prática no CTPP, Universidade de Lisboa. Hoje, essa nossa proposta já sofreu alterações: sobretudo acrescentou-se-lhe um modo que tem natureza diferente dos outros três. Assim, ao modo lírico, narrativo e dramático, foi conveniente juntar há pouco tempo o das práticas (isto é, a descrição ou mesmo narração respeitante a uma prática quotidiana, como o da medicina popular, costumes agrícolas, etc.). Salientamos que, nas práticas, não é a descrição ou a narração por parte do colector que interessa, mas a que é dita, descrita ou relatada por parte do informante (Ver Apêndice B).

Nesse esquema da nossa classificação, temos de dar atenção aos diferentes níveis: os «modos», os «géneros», as «espécies» e as «subespécies»: primeiro, os modos – o Lírico (L), o Narrativo (N) e o Dramático (D), a que acrescentámos o das Práticas (P). Depois, nestes «modos», integramos os «géneros» e seus respectivos «géneros e espécies». Vamos exemplificar com dois «modos» – o «lírico» e o «narrativo-dramático». Para os outros dois, o «dramático» e o «das práticas», remetemos para o esquema de classificação mais completa que disponibilizamos no referido Apêndice B.

Para (L) «Modo Lírico», teremos:

- + L1 «Géneros prático-utilitários» (L1), com três subdivisões:
 - (L1a) «Géneros de intenção mágica e/ou religiosa», abrangendo
 - . L1a1. «Oração»;
 - . L1a2. «Oração paralela», etc.;
 - (L1b) «Géneros de Sabedoria», abrangendo
 - . L1b11 «Provérbio/Máxima/Adágio e outros da Paremiologia»;
 - . L1b12 «Ditos/Expressões estereotipadas», etc.;
 - (L1c) «Géneros meramente utilitários», com
 - . Lic13.1 «Pregão»;
 - . Lic13.2 «Pequeno texto publicitário», etc.

Uma outra classe neste mesmo modo lírico será o grande 2.º grupo que é o

- + L2 «Géneros de carácter lúdico», nos quais distinguimos
- (L2a) «Rimas infantis», com as suas várias subespécies, tais como
 - . L2a 15 «Fórmula/Expressão encantatória»,
 - . L2a 16 «Lengalenga/Parlenda»,
 - . L2a17 «Anfiguri», etc.;
- (L2b) «Cantigas (Cânticos, cantigas, quadras)», que apresentam as espécies:
 - . L2b 20 «Cantiga paralelística»/«ritmos»;
 - . L2b 21 «Cantiga ‘inteira’» religiosa ou profana, etc.;
- e ainda
- (L2c) «Adivinhas e Enigmas», que contêm
 - . L2c 25 «Adivinhas»,
 - . L2c 26 «Enigmas», etc.;
- e finalmente uma classe aberta
- + L3 «Varia».

Para (N) «Modo Narrativo» ou «Modo Narrativo-Dramático», propomos

- + N1 «Géneros exemplares», que abrangem
 - . N1a 27 «Mito»
 - . N1b 28 «Lenda»
 - . N1c 29 «Fábula»
 - Etc. (Ver Apêndice)
- + N2 «Géneros registadores – elementares»
 - N2a 32 «Romance» (a exigir classificações mais pormenorizadas, de acordo os catálogos e índices como o RPB ou o IGR ou outros);
 - e as outras espécies como «romances tradicionais», «romances vulgares», «cantigas narrativas», etc.

Uma pequena nota acerca dos números seguidos que aparecem depois dos indicadores dos géneros: eles indicam uma ordem arbitrária, mas depois aceite como obrigatória para todos os géneros.

3. Exemplo dos resultados de três recolhas do Norte

Entre os muitos trabalhos de campo realizados na zona do Norte de Portugal, escolhemos três que nos pareceram bem significativos quanto aos resultados. São duas recolhas individuais, de anos diferentes (2004, respeitante ao ano lectivo de 2003/2004, e 2007, respeitante ao ano lectivo 2006/2007), e uma recolha colectiva do mesmo ano de 2004.

A primeira foi efectuada no âmbito da disciplina de Literatura Oral e Tradicional (Licenciatura) – Ri 13 (2004); a segunda, para o Seminário sobre Literatura Oral Tradicional Portuguesa (Mestrado) – Ri S (2007). E a terceira, Rc11 (2004), também de Licen-

ciatura, é colectiva. O [i] de Ri indica que é individual e o número situa a recolha na ordem das muitas que foram feitas nesse ano. Quanto a IS, o [S] significa que se trata de um trabalho individual realizado para o Seminário. Na cota da terceira recolha, Rc11 (2004), o [c] quer significar «recolha colectiva».

Há que reconhecer que, quando falamos de Norte, incluímos naturalmente Minho, Alto Douro e Trás-os-Montes, mas, neste caso, também (neste trabalho) parte da margem sul do rio Douro.

A nossa exposição exemplificativa será feita muito esquematicamente, apresentada só para os modos e géneros com versões gravadas e transcritas, e também classificadas. Quanto à identificação dos colectores, apenas citaremos o primeiro nome (nome próprio) de cada um deles, e em relação aos informantes, só explicitaremos quantos contribuíram com a sua memória e voz.

Como fica dito numa parte do nosso desenvolvimento, cada uma das recolhas se encontra no Arquivo do CTPP (NR – LOT/CTPP/ PCorreia) acompanhada dos anexos que são os suportes áudio e mesmo vídeo (disquetes, cassetes, CD e DVD), e ainda um relatório que junta informações monográficas sobre as comunidades de informantes, sobre características sociais, culturais e económicas, dados históricos, e ainda o relato-narração da própria realização da recolha (local, data), bem como o apanhado final sistematizado dos resultados de versões e composições por géneros, com todas as notas acerca dos principais dados de identificação dos colectores e informantes (residência e naturalidade).

Na recolha *Ri 13 (2004)*, o total de versões foi de 370, a partir da prestação de 4 informantes; na recolha *IS (2007)*, o resultado foi de 108 versões, com a particularidade de muitas serem em mirandês, a partir de 10 informantes (predominando os de idades de 80 a 90 anos); quanto à recolha *Rc 11 (2004)*, as versões foram 131.

A primeira concerne o Concelho de Tarouca, na localidade de Tarouca, e a sua colectora foi Cristina X (e esta pode levantar o problema de a localidade se situar na margem sul do Douro, em Tarouca, no concelho de Viseu; no entanto, consideramo-la ainda «região norte»); a outra concerne o Concelho de Bragança, na localidade de Sendim, Miranda do Douro, Bragança, e a sua colectora foi Mariana Y. A terceira, com três colectores (Ana Paula W, Ana Rita Y e Raquel Z), foi realizada em Alfândega da Fé e Sambade, concelho de Alfândega da Fé.

Assim, começando pelas versões que foram gravadas e depois transcritas nas três recolhas, elas são, em números, as que se seguem de modo paralelo: quando um género tem resultados que foram encontrados nas três recolhas, eles seguir-se-ão sempre pela mesma ordem (as de *Ri13 (2004)*, *IS (2007)* e *Rc11 (2004)*); quando só respeitarem a uma das recolhas, indicaremos com 0 (zero) para a ou as que não tiver/tiverem versão nenhuma. Quando algum género não tiver ocorrências, não o indicaremos sequer (a sequência ou não sequência dos números indicadores dos géneros informará dessa ausência de versões para três recolhas). Para a recolha colectiva *Rc11 (2004)*, após o número global de versões,

indicamos, entre parênteses, o número das registadas para cada um dos locais (Alfândega da Fé e Sambade).

L – Géneros do Modo Lírico

L1 – Géneros de carácter prático-utilitário

L1a – Géneros de intenção mágica e religiosa

L1a 1 – Oração – 16 40 34 (16 + 18)

L1a 2 – Oração Paralela – 0 4 2 (1+1)

L1a 3 – Cântico – 1 2 0

L1a 8 – Benzedura – 3 9 6 (4+2)

L1a 9 – Cantigas de Embalar/ninar/de berço – 1 0 3 (1+2)

L1a 10 – Varia – 0 1 18 (8 + 10)

L1b – Géneros de Sabedoria

L1b 11 – Provérbio/Máxima/Adágio – 117 0 0

– Ditos populares – 0 0 4

L1c – Géneros de intenção meramente utilitários

L1c 13.1 – Pregão – 2 0 0

L2 – Géneros de carácter lúdico

L2a – Rimas Infantis

L2a 16 – Lengalenga/Parlenda – 33 1 0

L2a 17 – Anfiguri – 0 1 0

L2a 18 – Travalíngua – 14 0 0

L2a 19 – Varia – 15 0 0

L2b – Cantigas (Cânticos, cantigas, quadras)

L2b 20 – Cantigas paralelísticas – 1 0 0

L2b 21 – Cantiga «inteira» – 32 0 3 (1+2)

L2b 22 – Quadras – 49 0 5 (1+4)

L2b 24 a – Varia (por ex., cantiga de louvor de vilas, de regiões, etc.) – 10 0 9 (2+7)

L2c – Adivinhas e Enigmas

L2c 25 – Adivinhas – 34 0 17 (4+13)

[Total para L1: 328 58 101]

N – Género narrativo/narrativo-dramático

N1 – Géneros exemplares

N1a 27 – Mito – 0 0 0

N1b 28 – Lenda – 15 0 3 (2+1)

N2 – Géneros registadores elementares

N2a 32 – Romances

N2a 32.1 – Romances antigos tradicionais – 0 0 2 (0+2)

N2a 32.2 – Romances vulgares – 18 2 6 (0+6)

N2a 32.3 – Cantigas narrativas – 0 1 0

N2b 33 – Conto

N2b 33.1 – Conto maravilhoso – 0 1 0

N2b 33.2 – Conto realista – 0 3 4 (0+4) (faceciosos)

N2c 34 – Anedota – 6 2 3 (0+3)

N2d 35 – Varia – 2 1 10 (4+6)

N3 – Géneros de experiência vivida

N3a 36 – História de Vida – 1 25 0

N3b 37 – Caso «acontecido» 0 8 0

N4 – Varia – 0 0 2

Total de N: 44 43 30

D – Géneros do Modo Dramático

Não foram registadas nenhuma versão de composições dramáticas nas recolhas *Ri13* (2004), *RiS* (2007) e *Ri11* (2004).

Para informação da classificação dos géneros deste modo, ver o Apêndice/Esquema.

P – «Géneros» do Modo – Práticas

P1 – Práticas de Cura

P1a 48 – Práticas gestuais de benzedura («como se faz»): 0 4 1 (0+1)

P2 – Práticas utilitárias/alimentação

P2a 50 – Receitas de culinária: 0 2 2 (0+2)

P3 – Práticas lúdicas/jogos

P4 – Práticas rituais

P4b 57 – Práticas relacionadas com o calendário religioso: 0 1 1 (0+1)

P5 – Varia

Total de P: 0 7 4

Totais por recolhas: 370 108 131

Algumas notas acerca das versões, géneros e modos que encontramos nestas três recolhas:

1 – As três recolhas apresentam-se abundantes em relação ao tempo dispendido para o trabalho de campo: 370 + 108 + 131 versões; portanto, só nestas – temos de reconhecer que escolhemos recolhas com mais de 100 versões –, dispomos de 609, para três pequenas regiões do Norte e da margem sul do Douro (só para Tarouca).

2 – Nessas versões, há um modo que não apresenta nenhuma versão: o dramático. Noutras, podemos encontrar pequenos diálogos, «testamentos do galo», etc.; estamos em crer que a pesquisa neste campo tem de ser de carácter mais orientado, isto é, o colector deve partir para o terreno com esse objectivo (temos o exemplo de um mestrando, agora doutorando que, interessado em teatro popular, veio encontrar diversas versões de um

«auto» em diferentes localidades de Trás-os-Montes (com representação em palco, mas também «cascos» da mesma peça dramática).

3 – Só numa recolha, encontramos versões de dois «romances tradicionais» (entre eles, um «Bernal Francês») e alguns «romances vulgares», confirmando a tendência para a cada vez maior raridade deste género tradicional; as de «contos» também são muito poucas e aparecem também apenas numa das recolhas; e poucas são as «lendas» que foram registadas em Alfândega da Fé, enquanto as de Tarouca tentam, na nossa óptica, englobar as que foram consideradas pela colectora como «mitos».

4 – Cada recolha apresenta um número muito significativo de versões de géneros muito específicos: por exemplo, a de Sendim, e porque a colectora estava interessada nos géneros religiosos, tornam-se evidentes géneros como «orações», «orações paralelas», mesmo «benzeduras», apesar de eles poderem aparecer nas outras duas, embora em pouca quantidade; pelo contrário, a de Alfândega da Fé e Sambade vai evidenciar maior variedade dos géneros de Cancioneiro.

5 – Há, pelo menos numa das recolhas, abundância não habitual de provérbios, o que, no estudo que terá de ser mais rigorosamente explicado, a colectora não revela em que circunstâncias eles ocorreram, embora aceitemos que alguns informantes possam ter querido mostrar a sua capacidade de os armazenar na memória, e dizê-los, independentemente do seu uso em contexto.

6 – Nestas recolhas, não poucas ocorrências de alguns géneros reproduzem muito fielmente versões muito conhecidas, principalmente nas de extensão curta (provérbios, adivinhas, rimas-infantis, etc.), ao contrário de outras que, sendo muito maiores, se apresentam com muita variação (por exemplo, o romance e conto); nas primeiras, podemos mesmo afirmar que as versões tendem a «formular-se» (a constituírem «fórmulas» facilmente memorizáveis) e devem ser registadas em mesmo plano de pertinência que as outras, visto que nos confirmam a sua permanência consistente na tradição portuguesa.

4. Alguns exemplos das versões recolhidas

Da primeira recolha aludida (*Ri13 (2004)*), extraímos uma «lenda» muito curiosa e muito significativa (pensemos no «convite da estátua do Comendador a D. Giovanni para jantar» no libreto da ópera de Mozart). Foi registada em S. João de Tarouca, no dia 13 de Junho de 2004, sendo informante António V. C., de 68 anos, e colectora Cristina C. Trata-se da versão n.º 328:

[you-te contar uma coisa: conheceis a Igreja de S. João, não é?]

Há lá um cadeiral [já falámos nele há bocadinho]. Aquelle cadeiral tem uma carranca por baixo, cada banco, tem uma cara. E contam, conta o povo, que duma ocasião há um senhor que chegou lá, levantou aquela carranca, pegou-lhe assim pelos queixos e disse-lhe assim:

- Olha lá, logo à noite vais cear comigo.
 Fez aquilo na brincadeira, aquilo é madeira! E o homem foi-se embora.
 Quando foi quase à meia-noite, [alguém] bateu-lhe à porta. E o homem foi abrir.
 Mas quando abriu, viu um homem que nem se lhe via a cabeça. Um alto, muito grande,
 muito grande. O homem ficou assustado!
 – O que é que o senhor quer?
 – Eu sou aquele que me convidou para vir aqui almoçar, para vir aqui cear a sua
 casa. Fez-me aquele convite na Igreja.
 – Mas eu fiz aquilo..., foi uma brincadeira. Então aquilo é madeira!
 Diz ele assim:
 – É madeira? Com coisas sérias não se brinca. Então você não me dá a ceia, tome
 lá você!
 Trazia uma carapuça cheia de ossos e caveiras. Atirou-lhe lá pra dentro para o
 homem:
 – Tome lá, vá comer. Vá comer isso lá você lá para dentro.
 [Ah, como é que ele disse?]
 – Quem está, está. Quem vai, vai, que, está está!

Já da segunda recolha (*RiS (2007)*), citamos uma versão complexa (versão 55), visto que se trata de uma «reza/benedura», mas também uma «prática», registada em Bragança, no dia 10.01.2007, junto da informante Virgínia S., de 45 anos; digamos que se trata de um bom exemplo de registo, porque não só o faz muito perto da oralidade, como também nos informa do contexto:

(antigamente *habia* muito quem fizesse mau olhar às pessoas e os idosos sabiam cortar esse mal d' *inbeja*. E então *pra* cortar o mal d' *inbeja*, faziam assim: primeiro para saber se a pessoa tinha mal d' *inbeja*, como ela se sentia muito mal, e não era nada de médicos, *botabam* numa malga com água três gotas d' azeite. Depois, ao deitar as três gotas d' azeite, diziam: *Dois te botaram, / Trás te cortarão, / São Pedro, / São Paulo, / São João Baptista, / Loubor de Deus e Birgem Maria, / Um Pai Nosso e uma Abe Maria*. (pronto se... se... as três, se ao deitar as três gotas de azeite, se se espalharem na água, a pessoa está coberta de mal de inveja, e de ficarem, *num* tem mal nenhum. E quando *num* tem mal nenhum depois a pessoa corta o mal de *inbeja* [*outras falas de pessoas assistentes*], é uma novena de três dias [*outras falas*]. Qualquer pessoa o pode fazer, basta que tenha um bocadinho de fé [*outras falas*], basta que tenha um bocadinho de fé, e se *tiber* um bocadinho de fé, já as coisas podem correr bem. Mas eu, por exemplo, eu se... se às vezes *cortaba* as minhas filhas ou assim, corria-me bem, menina [*a informante dirige-se à coletora*], mas eu sentia um peso..., parece que tenho um peso de cem quilos na [*miúda*], nunca quis...)

(o mal de inveja são: *nobe* pedrinhas de sal, e pega-se nas pedras de sal e faz-se... pronto..., uma pedrinha de sal e faz-se assim [...] [*a fazer o sinal da cruz com as pedras*])

na mão]): *Corto o ar e o ar / E o mal de inveja / Todo o mal que este corpo tem, / Malaficio, inbeijaria, / Em honra e loubor / De Deus e da Birgem Maria, / Um Pai Nosso e uma Abe Maria* (depois diz-se o Pai Nosso e Abe Maria e... e, três dias seguidos e a pessoa começa-se a sentir mais leve)

E sabe que ... ó bocado *num...* quando de põe as ... as três gotas de... d' azeite na água, para... *pra ber s' a* pessoa tem um mal d' inbeija é diz ass... tem que se dizer *tamém: Nossa Senhora de Fátima me diga que em nome de (nome da pessoa que está a ser curada) este mal tem mal d'inbeija* (ao estar a deitar o azeite. Aqui está a água (a *informante aponta para o balcão onde nos encontramos para exemplificar*), ao estar a deitar as três gotas d' azeite, é *Nossa Senhora de Fátima me diga se em nome de ... este corpo tem mal d'inbeija*. Depois é: *Dois te botaram, / Três te cortarão, / São Pedro, / São Paulo, / São João Baptista, / Em loubor de Deus e uma Abe Maria* (isso é quando se está a deitar [outras falas] o azeite, a *ber s'o* corpo tem mal d'inbeija, e se o azeite de espalhar a pessoa está *carregada de mal d'inbeija e depois é só as orações, pra tirar*)

O terceiro exemplo chega-nos da recolha *Rc 11(2004)*: é uma versão do romance «Bernal Francês» [versão 65 da mesma recolha], registada pelas colectoras Ana G. P., Ana P. P. e Raquel J., em Sambade, no dia 14 de Abril de 2004. Saliente-se que é uma versão em que avulta a repetição de versos ou de hemistíquios e, por outro lado, que, actualmente, se torna cada vez mais difícil encontrar romances tradicionais como este. A informante foi Irene M., de 71 anos:

– Ó quem bate, ó quem está aí – ó quem bate à minha porta,
 Ó quem bate, ó quem está aí – ó quem bate à minha porta?
 – São cravos minha senhora, – são cravos minha senhora
 Criados no seu jardim – são cravos minha senhora,
 São cravos minha senhora – criados no seu jardim
 – Se és Francisco abro-te a porta – se não és vai-te daí,
 Se és Francisco abro-te a porta – se não és vai-te daí.
 – Se me não abres a porta – se me não abres a porta,
 Ou tu me acharás aqui – se me não abres a porta,
 Se me não abres a porta – ou tu me acharás aqui.
 Levantou-se a abrir-lhe a porta – e a luz se lhe apagaria,
 Levantou-se a abrir-lhe a porta – e a luz se lhe apagaria.
 Levou-o para p'ro quarto dela – p'ra cama onde dormia.
 – Tu que tens, ó D. Francisco (*) – dantes não eras assim,
 Tu que tens, ó D. Francisco – dantes não eras assim.
 Já deu meia-noite em ponto – já deu meia-noite em ponto,
 Sem te virar p'ra mim – já deu meia-noite em ponto,
 Já deu meia-noite em ponto – sem te virar p'ra mim.
 – Cala-te aí ó traidora – teu marido andou aqui,

*Cala-te aí ó traidora – teu marido andou aqui.
 Deixa vir a madrugada – deixa vir a madrugada,
 Que eu me vingarei de ti – deixa vir a madrugada
 Deixa vir a madrugada – que eu me vingarei de tie.*
 (+) Ouve-se uma voz ao fundo que diz «Ó D. Bernardo»

Pequena nota – Na edição desta versão, acrescentámos os travessões das falas e substituímos por minúsculas as iniciais das primeiras palavras dos segundos hemistíquios.

Em jeito de conclusão (em primeira pessoa do singular).

Como já atrás fica dito, este trabalho de recolha – NR/LOT-CTPP/Pcorreia, que se desenvolveu entre os anos 70 até 2008, e de que dei uma ideia muito geral, apresentando apenas elementos respeitantes aos anos de 2002 a 2007 – resultou do entusiasmo e da preparação de muitos alunos da Licenciatura e candidatos a Mestrado e a Doutoramento que quiseram descobrir ou redescobrir parte do património cultural imaterial português. Esses alunos estão aqui presentes no meu reconhecimento, na minha saudade e na vontade de lhes prestar tributo, como há anos, enquanto orientador e docente da Literatura Oral Tradicional, pude acompanhá-los, dar-lhes algumas orientações, esclarecer dúvidas e dificuldades. Decididos, eles lá iam sozinhos ou em grupo à procura de contos, romances, adivinhas, quadras, etc., os quais hoje formam um *corpus* único na sua representatividade de quantidade e qualidade. Os resultados ficaram arquivados em transcrições, mas também em disquetes, CDs, DVDs, em fitas áudio, que podem permitir-nos pensar em monumentais arquivos (desde o Arquivo em suporte de papel, Arquivo Digital ou simplesmente Arquivo Oral).

Foram anos áureos para esta área os que mediaram entre 1976 e 2006, visto que a disciplina foi, durante a maior parte desse período, de duração anual, o que permitiu aos alunos – colectores adquirirem formação com o tempo adequado para que os conceitos e as metodologias fossem assimilados e rendessem na prática. Infelizmente, hoje, com as disciplinas semestrais, já não será possível a qualidade e a abundância de versões como nesse período conseguimos. Exigi-lo seria irresponsável, e isso já ficou evidente nas últimas recolhas de 2006 e 2008.

Também gostava de, neste momento, tornar públicos os nomes de quantos, no Centro de Tradições Populares Portuguesas, tornaram possível a «exploração em primeiro grau», como há pouco lhe chamei, com a ordenação, a classificação imediata (com cotas), a verificação dos suportes, etc.: Teresa Amaral, Marie Beatriz Lúcio, Ana Maria Morão, Mariana Gomes, Lina Santos Mendonça, também elas colectoras. Discretamente, e por isso de modo não muito reconhecido, esta actividade possibilitou a prática dos conhecimentos adquiridos em aulas e seminários numa confluência e concordância de esforços entre instituições como a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (e também, durante anos, com os Centros de Apoio de Faro e da Madeira), a Universidade de Trás-os-Montes e um

centro de investigação, como o CTPP. O fundo ou arquivo existe, sendo neste momento a parte viva do trabalho presente e futuro do Centro.

Convém também publicitar que são estes muitos milhares de versões que serão trabalhados no âmbito do projecto ADLOT (Arquivo Digital da Literatura Oral Tradicional), há poucas semanas avaliado muito positivamente pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Ele continua outro projecto já concluído e que pode ser consultado na página do CTPP (página também ela em reformulação) sob o acrónimo TECNOTRAD.

Nesse arquivo, tínhamos sistematizado e classificado todo um vasto *corpus* que resultou das recolhas mais antigas (AR – CTPP) de nossos antecessores: Lindley Cintra, Viegas Guerreiro, Maria Aliete Galhoz, Michel Giacometti, casal Aida e Paulo Soromenho, e outros.

Uma última nota: justifica-se que esta «notícia», como lhe chamei, seja referida neste momento de homenagem a Arnaldo Saraiva que foi um dos que, como os também presentes ao Congresso Pere Ferre, J. J. Dias Marques, Isabel Cardigos, Vanda Anastácio, Ana Maria Martins e outros, mais contribuíram para um estatuto digno da Literatura Oral Tradicional, das Literaturas Marginais ou da Literatura Popular, na sua vertente nacional e internacional, sobretudo brasileira, no vasto todo que podemos considerar o «cânon» cultural tradicional português.

Também por esse contributo, um obrigado a Arnaldo Saraiva.

Bibliografia

- BRANCO, Jorge Freitas & OLIVEIRA, Luísa Tiago de (1993 e 1994) – *Ao Encontro do Povo*, 2 vols. Oeiras.
- DESCAMPS, Florence (2005) – *L'historien, l'archiviste et le magnétophone – De la constitution de la source orale à son exploitation*, 2.^a ed. Paris: Comité pour l'Histoire Économique et Financière de la France, Ministère de l'Économie, des Finances et de l'Industrie.
- GUERREIRO, Manuel Viegas (1976) – *Guia de Recolha de Literatura Popular*. Lisboa: Ministério da Educação e Investigação Científica, Secretaria de Estado dos Desportos e Juventude, FAOJ.
- *Levantamento de Literatura Popular*. «Boletim Cultural», 2 (1986). Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 132-143.
- *Literatura Oral Tradicional – Textos de Apoio* (Caderno n.º 3), da responsabilidade de J. D. Pinto Correia. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, várias edições (a última datará de 2007-2008).
- CORREIA, João David Pinto (1993) – *Os Géneros da Literatura Oral e Tradicional – Contributo para a sua Classificação*. «Revista Internacional da Língua Portuguesa», n.º 9. Julho, Associação das Universidades de Língua Portuguesa, pp. 63-69.
- (1992) – *Para uma teoria do «texto» da literatura popular tradicional*. In «Literatura Popular Portuguesa. Teoria da Literatura Oral/Tradicional/Popular», coord. Manuel Viegas Guerreiro, compilação de comunicações apresentadas no Colóquio realizados em 26, 27 e 28 de Novembro de 1987. Lisboa: ACARTE/ Fundação Calouste Gulbenkian.
- TOURTIER-BONAZZI, Chantal de (dir.), (1990) – *Le témoignage oral aux Archives. De la collecte à la communication*. Paris: Archives Nationales.
- Nota – Foi também consultado o *Guia Autarcas e Autarquias – Poder Local 2009-2013 – Quem é quem?*, Executive Target – Marketing; comunicação e Publicidade Unipessoal, Lda., edição publicada e distribuída gratuitamente com o Jornal «Público», de 22 de Fevereiro de 2010.

Apêndice A – Quadro das recolhas (só para concelhos do norte)

Distritos	Concelhos	Cota(s) da(s) Recolha(s)	N.º comp./ recolha	N.º inform./ recolha	N.º comp./ concelho	N.º inform./ concelho
Viana do Castelo	Monção (Cambeses)	Ri 10(2003)	126	5	333	12
	Monção (Cortes; Troporiz)	Rc 7(2002)	207	7		
Braga	Terras de Bouro	Ri 4tm(2004)	53	7	53	7
Porto	Lousada	Ri 5tm(2005)	156	3	227	7
	Lousada (Meinedo)	Ri 3tm(2004)	71	4		
	Penafiel	Rc 12tm(2005)	194	8	194	8
	Porto	Ri 17(2004);	139	9	139	9
Vila Real	Montalegre	Ri 24 (2005)	37	2	37	2
	Murça	Ri 8(2003)	154	12	154	12
	Sabrosa (Sabrosa)	Ri 10tm (2004)	119	8	289	12
	Sabrosa (Souto Maior)	Ri 7tm(2004)	170	4		
	Santa Marta de Penaguião	Ri 2tm(2004)	174	12	174	12
	Valpaços	Ri 5tm(2004)	49	2	49	2
	Vila Pouca de Aguiar (Sabroso)	Rc 1tm(2005)	61	5	176	5
	Vila Pouca de Aguiar (Telões)	Ri 11tm(2005)	115			
	Vila Real (Andrães)	Ri 6tm(2004)	278	6	393	26
	Vila Real (Folhadela)	Ri 9tm(2004)	45	8		
Bragança	Vila Real (Vila Marim)	Rc 2tm(2005)	70	12		
	Bragança	Rc 12(2004)	61	7	61	7
	Alfândega da Fé	Rc 11(2004)	137	17	137	17
	Macedo de Cavaleiros	Ri 3tm(2005)	37	6	37	6
	Miranda do Douro	Ri 7(2003)	64	10	147	22
	Miranda do Douro (Duas Igrejas)	Ri 9(2003)	83	12		
	Mirandela	Ri 3(2002)	34	18	82	20
	Mirandela	Ri 5tm(2004)	48	2		
	Mogadouro (Urrós)	Rc 28(2002)	107	16	107	16
	Vinhais (Vale das Fontes)	Rc 15(2003)	110	9		
Aveiro	Vinhais (Vale das Fontes)	Ri 26(2003)	110	8	314	43
	Vinhais	Rc 12(2004)	61	7		
	Vinhais	Ri 3(2002)	33	19		
	Espinho	Ri 1tm(2004)	6	2	6	2
	Murtosa	Ri 30(2003)	87	14	87	14
	Castro Daire	Ri 17(2002)	122	8	122	8
Viseu	Cinfães	Rc 10(2002)	107	6	107	6
	Lamego	Rc 8(2002)	142	18	142	18
	Moimenta da Beira	Rc 14(2002)	29	8	29	8
	Tarouca	Ri 13(2004)	370	4	370	4
	Vila Nova de Paiva	Rc 10(2005)	81	4	81	4
	Viseu	Ri 24(2004)	103	5	135	7
	Viseu (Ranhados)	Ri 25(2002)	32	2		

Apêndice B – Modos e géneros – Classificação da LOT

(classificação PCorreia/CTPP 1993, já alterada, corrigida e actualizada,
pelo que passa a ser designada PCorreia/CTPP/LOT 2010)

Nota – Esta proposta de classificação tem como base o seguinte artigo: João David Pinto Correia, *Os Géneros da Literatura Oral Tradicional: Contributo para a sua Classificação*, «RILP – Revista Internacional da Língua Portuguesa», n.º 9, Julho de 1993, pp. 63-69. No entanto, o seu estado corresponde ao resultado de sucessivas alterações, principalmente aditamentos, que se têm imposto pelas recolhas/trabalho de campo da disciplina LOT da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Esta proposta faz o ponto da situação em Fevereiro de 2010, o que justifica a nova designação.

L – *Modo lírico*

L1 – *Géneros prático-utilitários*

L1a – *Géneros de intenção mágica e religiosa*

L1a 1 – Oração

L1a 2 – Oração Paralela

L1a 3 – Cântico (loa, por exemplo)

L1a 4 – Ensalmo

L1a 5 – Responso

L1a 6 – Exorcismo/Esconjuro

L1a 7 – Reza

L1a 8 – Benzedura

L1a 9 – Cantiga de embalar/ninar/ de berço

L1a 10 – Varia

L1b – *Géneros de Sabedoria*

L1b 11 – Provérbio/Máxima/Adágio

L1b 12 – Ditos/Expressões estereotipados

L1b 12a – Varia

L1c – *Géneros meramente utilitários*

L1c 13. 1 – Pregão

L1c 13. 2 – Pequeno texto «publicitário»

L1c 14 – Varia

L2 – *Géneros de carácter lúdico*

L2a – *Rimas infantis*

L2a 15 – Fórmula/Expressão encantatória

L2a 16 – Lengalenga/Parlenda

L2a 17 – Anfiguri

L2a 18 – Travalíngua

L2a 19 – Varia

L2b – *Cantigas (Cânticos, cantigas e quadras)*

L2b 20 – Cantiga Paralelística

L2b 21 – Cantiga «inteira»

L2b 21a – Cântico

L2b 22 – Quadra

L2b 23 – Quadras-cantiga

L2b 24 – Cantiga de outras estruturas (quintilhas, sextilhas, etc.)

L2b 24a. – Varia (por ex., cantiga de louvor de vilas, de regiões)

L2b25 – Fados

L2c – *Adivinhas e Enigmas*

L2c 25 – Adivinha

L2c 26 – Enigmas

L2c 26a. – Varia

L3 – *Varia*

N – *Modo narrativo/narrativo-dramático*

N1 – *Géneros exemplares*

N1a 27 – Mito

N1b 28 – Lenda

N1c 29 – Fábula

N1d 30 – Apólogo

N1e 31 – Varia

N2 – *Géneros registadores elementares*

N2a 32 – Romance (*abrindo possibilidades de classificação mais pormenorizada*)

N2a 32.1 – Romances antigos tradicionais (adoptar a classificação do PBI)

Na32. 1. 1. Romances épicos e históricos de contexto peninsular

Na32. 1. 2. Romances carolíngios

N2a32.2 – Romances vulgares

N2a32.3 – Cantigas narrativas

N2a32.4 – Fados narrativas/de cego

Etc.

N2b 33 – Conto (*preferível seguir a classificação geral de Aarne-Thompson*)

N2b 33.1 – Conto maravilhoso

N2b 33.2 – Conto realista

Etc.

N2c 34 – Anedota

N2d 35 – Varia

N3 – *Géneros de experiência vivida*

N3a 36 – História de vida

N3b 37 – Caso «acontecido»

N3c 38 – Varia

N4 – *Varia*

D – *Modo dramático*D1 – *Géneros exemplares*

D1a 39 – Tragédia

D1b 40 – Comédia

D1c 41 – Auto

D2 – *Géneros registadores do quotidiano*

D2a 42 – Representação

D2b 43 – Diálogo

D3 – *Géneros críticos (satíricos e paródicos)*

D3a 44 – Entremez

D3b 45 – Cegada

D3c 46 – Testamento

D4 – *Varia*P – *Géneros de Práticas Quotidianas(*)*P1 – *Géneros/Práticas de Cura*

P1a – Práticas gestuais de benzedura («como se faz»)

P1b – Receitas de Medicina Popular/Mezinhas (vide conjunto L)

P2 – *Géneros/Práticas utilitários de gastronomia/alimentação*

P2a – Receitas de culinária

P2b – Bebidas

P2c – Utilidades

P3 – *Géneros/Práticas lúdicos/jogos (descrição de jogos)*

P3a – Jogos infantis (movimento)

P3b – Jogos tradicionais de adultos

P4 – *Varia*P4 – *Géneros/Práticas rituais*

(que digam respeito aos outros discursos que acompanham o linguístico nas composições, sobretudo do conjunto L: gestos e cerimónias que têm de ser feitos)

P4a – Práticas relacionadas com o ciclo cósmico (saltar a fogueira, por ex.)

P4b – Práticas relacionadas com o calendário religioso (temporal e santoral)

P4c – Práticas relacionadas com superstições (não deixar uma tesoura aberta, por ex.)

P5 – *Varia*

(*) Não interessa a descrição ou narração do recolector, mas a que provém do próprio informante («Costuma-se fazer assim...»), que, essa sim, será transcrita com as suas próprias palavras.

Esta última classe P não era considerada como pertinente na data da recolha até ao 2.º Período e mesmo em muitas do 3.º Período.